

<http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2018v30n53p7>

ENQUANTO QUASE TUDO NA POLÍTICA “VIRA BOSTA”, MOTRIVIVÊNCIA CELEBRA 30 ANOS DE EXISTÊNCIA E RESISTÊNCIA

O ovo frito, o caviar e o cozido
A buchada e o cabrito
O cinzento e o colorido
A ditadura e o oprimido
Prometido e não cumprido
E o programa do partido
Tudo vira bosta
O vinho branco, a cachaça, o chopp escuro
O herói e o dedo-duro
O grafite lá no muro
Seu cartão e seu seguro
Quem cobrou ou pagou juro
Meu passado e meu futuro
Tudo vira bosta
Um dia depois não me vire as costas
Salvemos nós dois
Filé “minhão”, “champinhão”
Don “perrinhão”, salsichão, arroz, feijão
Muçulmano e cristão
A Mercedes e o fuscão
A patroa do patrão
Meu salário e meu tesão

Tudo vira bosta
O pão-de-ló, brevidade da vovó
O foundue, o mocotó
Pavarotti e xororó
Minha eguinha pocotó
Ninguém vai escapar do pó
Sua boca e seu loló
Tudo vira bosta
Um dia depois não me vire as costas
Salvemos nós dois
A rabada, o tutu o frango assado
O jiló e o quiabo
A prostituta e o deputado
A virtude e o pecado
Esse governo e o passado
Vai você que eu tô cansado
Tudo vira bosta
Um dia depois não me vire as costas
Salvemos nós dois.

(“Tudo Vira Bosta”, composição de Moacyr Franco e interpretação de Rita Lee)



Este texto está publicado sob uma licença Creative Commons
Atribuição NãoComercial-CompartilhaIgual – CC BY NC AS
Mais detalhes em: <https://br.creativecommons.org/licencas/>

No editorial da edição passada, como fazemos de hábito, demos prosseguimento às críticas ao Golpe de Estado que resultou no impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff, em 2016. Vimos adotando essa linha editorial, porque não acreditamos em neutralidade científica e política e, portanto, como editores, não acreditamos numa ciência sem política. Entendemos que é fundamental estudar o golpe à democracia e, conseqüentemente, as suas “conseqüências para o futuro da democracia”. Somos da opinião que, no âmbito das pesquisas, em qualquer área do conhecimento, é preciso investigar, diuturnamente, o cerco jurídico, político, empresarial e midiático que solapou e continua solapando de nós a democracia e o Estado de Direito¹.

Nesta edição, iniciamos a celebração dos 30 anos de existência e resistência da Motrivivência, cujo processo de construção editorial, nas lides com as problemáticas pungentes da cultura corporal e de movimento na Educação Física (corpo, esporte, lazer, ginástica, jogos), continua, como já foi mencionado, denunciando e protestando, veementemente, contra as marcas e conseqüências do golpe da antipolítica sobre o corpo da classe trabalhadora (que-vivia-do trabalho e agora não vive mais!) e suas famílias (crianças, adultos, jovens e velhos).

Ademais, elegemos a música “tudo vira bosta” para retratar todo esse imbróglio anticivilizatório que estamos vivendo na vida cotidiana do Brasil. Apesar da letra apresentar uma crítica romântica e insuficiente à divisão de classes sociais no capitalismo, ao sugerir que em qualquer classe “tudo vira bosta”, trata-se de uma metáfora, de um lado, cheia de niilismos e generalizações sobre a vida política e econômica do país e, de outro, repleta de denúncias e anúncios de possibilidades de enfrentamento da situação do país, desde sempre e, mais do que nunca, na atualidade.

Todavia, esses versos não cabem para as comemorações da trajetória da revista, para a resistência dos movimentos sociais e sindicais e populações dos morros e favelas. Portanto, nem tudo vira bosta! A letra da música da epígrafe serve sim para denunciarmos e gritarmos contra o Golpe de 2016, contra temer (Fora temer!) e contra os verdadeiros corruptos e ladrões dos três poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário. Presta-se para pensarmos o Estado de Exceção que vem desrespeitando a autonomia e a liberdade acadêmica, ao invadir as universidades e prender os reitores, com o argumento de existir corrupção nessas instituições. Foi esse tipo de “intervenção” antidemocrática e violenta que levou o Reitor da UFSC, Professor Luis Carlos Cancellier de Olivo, à prisão e ao suicídio, conforme editorial da edição passada.

No Estado de Exceção que vimos enfrentando, “viram bosta” as políticas públicas e sociais destruídas; a injusta condenação de Lula; a intervenção militar nas favelas do Rio de Janeiro – que já está manchada de sangue com a morte de Marielle Franco; a violência e o extermínio de militantes; a criminalização dos movimentos sociais; a destruição do patrimônio público e do meio ambiente; a liquidação que se caracteriza pela privatização das universidades públicas, que se consubstancia pela mercantilização do ensino superior,

1 CASARA, Rubens. **Estado Pós-Democrático: Neobscurantismo e gestão indesejáveis**. Rio de Janeiro: Civilização, 2017.

sob a forma das “commoditycidades” e que sacrificam a educação superior no “altar do mercado”².

Sobre a condenação injusta do Ex-Presidente Lula. E agora?

Depois da farsa da condenação de Lula em 2ª instância, fica cada vez mais evidente a falência das instituições democráticas, nomeadamente, a “(in)justiça” brasileira, representada pelo Supremo Tribunal Federal (STF) que frequentemente “vira bosta” em suas ações contra o ex-presidente Lula. Nesse sentido, a politização do Judiciário transformou-se num poderoso instrumento de perseguição política e ódio ideológico. Nesse movimento, permitido pelo ódio de classe e à democracia, os demais poderes da república, com vistas a defenderem espaço para seus candidatos nas eleições presidenciais de 2018, se alinham e se calam, em cumplicidade de classe social. A pergunta que não quer calar é o que vai acontecer com o Brasil, num momento em que a democracia brasileira foi golpeada e suspensa; momento em que os três poderes foram capturados e são controlados e manietados pelos interesses de grupos e interesses da classe rentista e ociosa (em nível nacional e internacional), verdadeiras quadrilhas e saltimbancos do patrimônio público; que agem e assaltam a democracia, contra os interesses das maiorias?

As respostas que podem advir dessa profunda e abrangente pergunta só podem acontecer à luz do seguinte desafio: “Um dos principais desafios para os próximos anos está em estimular o pensamento crítico, produzir análises e debates que contribuam para a formação e instiguem os jovens e todos os setores discriminados e excluídos ou incluídos precariamente – construir uma nova frente política e enfrentar o regime autoritário, que se configura e a nova forma de espoliação dos direitos dos trabalhadores, ou seja, de todos aqueles que vivem e sobrevivem de seu trabalho”³.

Nessa linha de raciocínio, torna-se urgente a politização da classe trabalhadora em geral, a partir da ingerência das reflexões críticas e radicais nos processos formativos⁴ nas escolas e movimentos sociais, e, em especial, dos trabalhadores da educação (os professores) e, é claro das famílias, velhos, crianças e jovens. É preciso ler e estudar sobre a política no Brasil, sobre os três poderes. Urge subverter as ideias da mídia golpista, a partir das críticas e proposições das mídias alternativas.

Nessa perspectiva, as esquerdas têm como desafio promover, diuturnamente, a consciência de classe, a partir dos próprios sujeitos trabalhadores. Um dos desafios postos para a esquerda é refunda-la para, assim, refundar a democracia.

2 BIANCHETI, Lucídio; SGUISSARDI, Valdemar. **Da universidade à Commoditycidade ou de como e quando, se a educação/formação é sacrificada no altar do mercado, o futuro da universidade se situaria em algum lugar do passado**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2018, p. 14.

3 CACCIA BAVA, Silvio, LE MONDE DIPLOMATIQUE. **Editorial: E agora?** Fevereiro de 2018.

4 VALMORBIDA, Itacir. **A formação política de docentes da Rede pública de Ensino para além do capital: Primeiras aproximações à luz de uma leitura materialista histórico-dialética**. Dissertação de mestrado, PPGE/Unochapecó, 2017.

Paralelamente a todo esse movimento de politização e de militância ativa, temos que, independentemente de partido, denunciar e, enfaticamente, resistir às forças políticas oligárquicas que querem, de forma antidemocrática, negar o direito do ex-presidente Lula de disputar as eleições de 2018. Isso é imprescindível, porque não se trata apenas de empatar a volta da esquerda ao poder, mas de perpetuar uma cultura política golpista, capaz de afetar o possível reordenamento e inserção da esquerda na cena política brasileira.

O neoliberalismo, a privatização das universidades e as “commodities”

O termo *comoditycidade* vai além do termo privaticidade, quando se trata de analisar a escalada privatizante da educação, ou seja, um processo de mercantilização e mercadorização sem precedentes. Portanto, o termo *commoditycidade* se justifica porque tudo na educação superior/universidade, incluindo as próprias instituições, é transformado em mercadoria/*commodity*, estando submetida, de maneira peremptória, ao crivo do mercado, no qual a Bolsa de Valores constitui-se o “altar do mercado,” onde essa metamorfose chega ao paroxismo.

Vale destacar que, nessa lógica de pensamento, o conhecimento produzido no âmbito da pesquisa, disseminado ou transmitido/apreendido no interior do ensino universitário/educação superior, principalmente, na pós-graduação, não pode ser visto como uma mera matéria-prima, mas sim, como um “produto” de baixo, médio e alto valor agregado. Sendo assim, traduzir tudo isso pelo termo “commoditycidade” significa um modo de enfatizar um fenômeno novo, que estaria impondo a essas instituições o fim ou o ocaso de um determinado “modelo” de educação superior/universidade, que foi idealizado desde os meados do Século XX, com os chamados “modelos clássicos”, que no Brasil, foram projetos implantados, precariamente, nas experiências pioneiras da USP (1934), Universidade do Distrito Federal (1935 – depois, Universidade do Brasil, no Estado Novo, e hoje UFRJ) e UNB (1962).

Na verdade, essa nova faceta de projeto de universidade se assenta nos pressupostos da Neoliberalização com sua “destruição criativa”, não somente dos antigos poderes e estruturas institucionais, mas também das divisões do trabalho, das relações sociais, da promoção do bem-estar social, das combinações de tecnologias, dos modos de vida e de pensamento, das atividades reprodutivas das formas de ligação à terra entre outros aspectos⁵. Nessa perspectiva, percebe o mercado como “uma ética em si capaz de servir de guia a toda ação humana e que substitui todas as crenças éticas antes sustentadas”⁶. Em síntese, o neoliberalismo enfatiza a significação das relações contratuais do mercado e, nessa linha de pensamento – as universidades estão na mira da mercantilização, isto é, das commodities (que inglês significa, grosso modo, mercadoria sem valor agregado) e são, compreendidas como produtos que funcionam como matéria-prima, produzidos em

5 HARVEY, David. **O neoliberalismo: História e implicações. Introdução.** São Paulo: Loyola, 2012, p.2

6 HARVEY, David. Cf. citado.

escala e que podem ser estocados sem perda de qualidade, como petróleo, suco de laranja congelado, boi gordo, café, soja e ouro⁷ – matérias primas estas com características físicas homogêneas e cujos preços submetem-se à lei da oferta e procura, ou seja, às oscilações do mercado internacional⁸.

O relatório do Banco Mundial

A destruição criativa neoliberal, pode ser fortemente combatida pelas centrais sindicais dos professores, como por exemplo o ANDES, principalmente, contra o argumento do governo de que o patrimônio público tem problemas de gestão, incompetência e corrupção e que, por esse motivo as instituições devem ser privatizadas. Esse é o argumento para privatizar o Pré-Sal, a Amazônia, o aquífero Guarani, aeroportos, bancos, sistema elétrico e outras instituições. No caso das universidades, há ameaças de privatização desde o governo de FHC e que agora retorna com ódio e fúria à “res-pública” no governo Temer. Essa questão já foi mencionada na edição passada, na qual nosso intuito era destacar os ataques, desmandos e iniquidades promovidas pelo golpista Temer e a “elite no poder”, ou melhor, “a elite do atraso”⁹, aqui compreendida como os donos do poder do capital.

Nesse sentido, foi ela que, com o escárnio escancarado das instituições, fez a interrupção daquilo que se chamou de democracia brasileira “atacando inclusive os princípios elementares da democracia”. Esses donos do poder fizeram e continuam fazendo, cotidianamente, todo esse inferno precário e destrutivo dos direitos e políticas públicas e sociais com o intuito de manter privilégios, acumular cada vez mais capital e, assim, poder perpetuar uma sociedade cada vez mais excludente, escravagista, perversa e cindida abissalmente em classes sociais. Além desses ataques, temos outros: no caso das universidades públicas, além dos cortes orçamentários, que dificultam o estabelecimento de condições adequadas de trabalho, há o agravante de exigências de produtividade; descaso com os servidores públicos; priorização do atendimento das elites do agronegócio (exemplo: trabalho escravo e demarcação das terras indígenas); priorização dos lucros para os bancos e as grandes empresas e, aliado a isso, a abertura do país à exploração do capital estrangeiro em áreas como saúde e meio ambiente¹⁰.

O relatório do Banco Mundial, cingidamente intitulado “Plano de ajuste justo”, é representativo da afronta destrutiva e de privatização das universidades. Tal relatório, caracterizado pelo “desleixo metodológico”, apresenta dados forjados acerca da real situação da economia brasileira e do papel sociopolítico das universidades diante do quadro de pobreza

7 <https://www.tororadar.com.br/blog/commodities-o-que-e-significado>

8 BIANCHETTI, Lucídio; SGUISSARDI, Valdemar. **Da universidade à Commoditycidade ou de como e quando, se a educação/formação é sacrificada no altar do mercado, o futuro da universidade se situaria em algum lugar do passado**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2018.

9 SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Lava a Jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

10 Ver edição do InforAtivo ANDES UFSC de Setembro 2017, Edição 29.

pelo qual passa a classe trabalhadora e seu direito à formação em todos os níveis, sobretudo, à universidade. O plano de ajuste regressivo e antidemocrático, constante no referido relatório, que ignora os determinantes econômicos e políticos, insinua que os problemas financeiros se devem à incompetência das universidades na gestão dos recursos e, o pior, sugere, mais uma vez, sem nenhum rigor metodológico, o “pagamento das mensalidades pelos alunos.” Em suma, o relatório parte da falsa premissa de que na universidade pública estão incluídos os alunos mais ricos, insinuando a cobrança de mensalidades para estes, para que os mais pobres possam ingressar nas vagas acadêmicas. Assim, o Banco Mundial, abre portas aos governos neoliberais para privatizarem as universidades e sem nenhuma garantia da inserção dos pobres nela.

Sobre o curso “O golpe de 2016 e o futuro da democracia”

Além de tudo isso, podemos citar a violação da autonomia e liberdade acadêmica, que culminou com as ameaças do Ministro da Educação Mendonça Filho, no sentido de mandar investigar por improbidade administrativa o professor Luís Felipe Miguel, da UnB (Universidade de Brasília), que criou o curso “O golpe de 2016 e o futuro da democracia”. O Instituto de Ciência Política (IPOL) da UnB também apoiou a iniciativa do professor Luís Felipe Miguel ao dizer: “Somos uma comunidade acadêmica bastante produtiva e diversa, que trabalha com temas e perspectivas analíticas plurais e muitas vezes conflitantes entre si, como pensamos que deve ser a Ciência Política e a universidade. O IPOL, enquanto instituição de ensino e pesquisa, preza a sua independência e não possui compromisso com nenhuma ideologia ou partido político”.¹¹

Todo esse processo reacionário teve um efeito inverso, ou seja, depois dessa atitude autoritária do ministro, diversas universidades estaduais e federais passaram a oferecer o curso, cujo conteúdo trata da fragilidade do sistema político brasileiro que permitiu a ruptura democrática com a deposição da presidenta Dilma Rousseff.

O curso analisa o governo do golpista e ilegítimo Michel Temer (MDB-SP), que liderou o golpe e usurpou o cargo. Além disso, os conteúdos a serem desenvolvidos abordarão os desdobramentos da crise em curso e as possibilidades de reforço da resistência popular e do restabelecimento do Estado de Direito e da democracia no Brasil. Aliás, vale destacar que o “feitiço virou-se contra o feiticeiro”, em virtude da violação da autonomia e da liberdade, anunciada pelo Ministro da Educação, terminou fortalecendo a resistência nas universidades, de tal sorte que na atualidade são aproximadamente 34, de acordo com a CUT, o número de universidades que já estão ministrando cursos de extensão, disciplinas optativas e ciclos de debates, em resposta às recentes ameaças aos princípios de liberdade de pensamento, à autonomia das universidades e à soberania da cátedra. Desse modo, o ministro da Educação, ao ter tocado na pedra angular da liberdade de pesquisa científica e de ensino, expressando-se de forma antidemocrática e conservadora, terminou por

11 Nota do IPOL: <https://www.cut.org.br/.../cresce-o-numero-de-cursos-sobre-o-golpe-de-2016-eb8d>

promover a solidariedade dos professores e da comunidade acadêmica com um todo, gerando indignação que, por sua vez, culminou em uma prática de resistência.

Esses cursos buscam analisar as diversas facetas de um golpe emblemático para o Brasil e América Latina, a saber: sobre as diversas interpretações da construção do golpe desde 2013, os limites do “presidencialismo de coalisão” e a chamada “conciliação de interesses e de classe” da esquerda com a democracia liberal, engendrada pelos liberais e ultimamente pelo Partido dos trabalhadores (PT) nas gestões de Lula e Dilma; análise da classe política oligárquica e, nessa mesma direção, as classes médias; as críticas à classe rentista e oligárquica; as críticas e autocríticas à esquerda, no sentido de não terem sido capazes até agora, de formular e implementar um projeto de poder para romper com a lógica da acumulação pela classe ociosa (as elites) e, nesse sentido, a necessidade e o desafio histórico de refundar a esquerda brasileira, visando, efetivamente, propor um projeto de transformação da sociedade brasileira; nesse âmbito, buscar um fortalecimento da resistência ativa ao neoliberalismo e neoconservadorismo à luz, positivamente, das evidências empíricas e históricas das greves e manifestações já realizadas, sobretudo, nos últimos anos¹².

A escola de samba Paraíso do Tuiuti, a mídia burguesa e a mídia alternativa

Em meio a todos esses acontecimentos, a Escola de Samba Paraíso do Tuiuti, do Rio de Janeiro, mostrou que nem “tudo vira bosta”. Ela articulou arte e política na passarela da Sapucaí. Foi ela que mostrou ser impossível dissociar o samba da política, não da política partidária, menor, mas daquela que define a relação entre as pessoas num território brasileiro, historicamente engendrado na opressão e escravidão. A Tuiuti surpreendeu ao tratar do samba no processo de construção da cidadania nos morros e favelas. Ela mostrou, através de seu enredo e fantasias, a estética opressora e violenta dos morros, que foram ocupados como resultado da contradição inerente à divisão de classe social nas cidades, que acirrou e culminou com um processo aviltante e multissecular de exclusão social. A Tuiuti faz arte e política, na raiz da problemática da política de ontem e de hoje, principalmente, ao destacar e expor a “manutenção secular de uma sociedade desigual, que impossibilita o resgate do Brasil esquecido, oprimido, humilhado e ofendido”.

O carnavalesco Jack Vasconcelos mostrou que o golpe que tirou Dilma Rousseff do poder é resultado direto da mesma correlação de forças que fez do Brasil o último país a abolir a escravidão nas Américas. A escola criou os *manifestoches*, brasileiros manipulados a ponto de se apropriarem de símbolos que não lhes são exclusivos, como a camisa da Seleção Brasileira de futebol, ou que não lhe pertencem, como o bater de panelas, próprio de quem passa fome. Os manifestoches eram manipulados por uma mão grande, que pode ser a mídia, a Globo¹³, o Congresso Nacional, com suas bancadas do Boi, da

12 SAFATTLE, Vladimir. **A esquerda que não teme dizer seu nome**. São Paulo: Três Estrelas, 2016.

13 Muito curioso e surpreendente, no desfile da Tuiuti, foi ver o silêncio constrangido dos âncoras e comentaristas

Bala e da Bíblia, e o Judiciário, ou seja, todos os donos e prepostos do poder capitalista local que vendem de mão-beijada cotidianamente o patrimônio nacional aos imperialistas.

As imagens da Tuiuti na passarela do samba trouxeram no seu samba enredo, nas suas fantasias e alegorias, denúncias da extinção dos direitos dos trabalhadores, através das carteiras de trabalho queimadas, que são consequência da reforma trabalhista e da terceirização irrestrita. O samba se espalhava pela avenida quase como uma clemência e ao mesmo tempo um anúncio de novos tempos de resistência e enfrentamento engendrado pela classe trabalhadora empobrecida que, histórica e bravamente, sofre, sobrevive e luta. O som dos tambores marcava o ritmo e da letra da música questionava: *Meu Deus, Meu Deus, Está Extinta a Escravidão?*¹⁴ Essa pergunta é respondida em alguns versos como advertência de nosso povo sofrido, oprimido e humilhado:

[...] Não sou escravo de nenhum senhor. Não sou escravo de nenhum senhor. Meu Paraíso é meu bastião. Meu Tuiuti, o quilombo da favela. É sentinela na libertação [...] Meu Deus! Meu Deus! Se eu chorar, não leve a mal. Pela luz do candeeiro. Liberte o cativo social.

A Tuiuti apresentou a escravidão, não como uma página virada da história do Brasil, mas sim, retratando a escravidão secular que está presente nas práticas e políticas neoliberais, sob a forma de racismo contra os negros e a destruição, precarização e cortes nos direitos da classe trabalhadora. O feito maior da Paraíso do Tuiuti foi ter coragem política e militante ao exibir para milhões de brasileiros e estrangeiros uma estética crítica e emancipatória; ao desfilar sob os olhos neoliberais da mídia burguesa, hegemônica e golpista brasileira, fundamentalmente, da Rede Globo e de outros conglomerados político-midiáticos (Editora Abril, Grupo Folha, Grupo Estado de São Paulo, Grupo RBS), que defendem o esvaziamento do Estado, atacam os direitos conquistados pelos trabalhadores, estimulam a entrega do país ao grande capital privado nacional e internacional, negam os direitos humanos e criminalizam os movimentos sociais.

Mas, de novo, nem “tudo vira bosta”, pois, na esfera da contradição, temos, nos últimos tempos, possibilitado um olhar atento, crítico e de resistência da “mídia alternativa”. “Ela existe para apresentar à sociedade novas perspectivas, novas possibilidades e apresentação de novas chances de “pensar fora da caixa que a mídia dominante tenta colocar em nossas cabeças”; “a mídia alternativa enxerga os movimentos populares não como criminosos, mas como construtores de um novo mundo possível e necessário”¹⁵.

da Rede Globo de Televisão, ao assistirem a escola expressar denúncias e críticas contra a emissora, sob a forma de bonecos representativos dos manfantes. Aliás, a Globo é denunciada, mais uma vez, por crime contra a ordem tributária em processo da Receita Federal, que descobriu sonegação milionária na aquisição dos direitos de transmissão da Copa de 2002.

14 <https://www.letras.mus.br/...paraíso...tuiuti/samba-enredo-2018-meu-deus-meu-deus-e->

15 HAUBRICH, Alexandre. **Mídias alternativas**: a palavra da rebeldia. Florianópolis: Insular, 2017, p.19-22.

É quase um paradoxo estarmos celebrando o aniversário de 30 anos da Motrivivência num momento em que, no país e no mundo, diante do avanço devastador de uma direita que flerta, despidoradamente, com o fascismo, não se vislumbram muitos motivos para se comemorar. Apesar disso, e até mesmo em respeito a uma história de 30 anos de resistência, de luta pela democracia, política, social e científica, de garantia ao acesso e apropriação do conhecimento, e pelo posicionamento crítico expresso em nossos editoriais, é que acreditamos que temos o quê e devemos celebrar. A revista começa o ano em que celebra seu trigésimo aniversário reafirmando a tradição de retratar o contexto sociopolítico, econômico, cultural e acadêmico, oferecendo-se à comunidade científica do campo como um veículo responsável e comprometido com a publicação de um tipo de conhecimento e um modo de fazer ciência que esclarecem e emancipam; que tem status acadêmico, mas que também prima pela relevância social.

Nestes primeiros 30 anos de vida, aprendemos e conquistamos muito; temos consciência, porém, de que há ainda um longo caminho a trilhar. Não balizado por fatores de impacto ou normas de indexadores, mas pelo que consideramos nosso compromisso editorial: perseguir um amanhã que se construa melhor para todos e todas ou, senão, para a imensa maioria do povo brasileiro, que financia com seu trabalho e seus impostos a saúde, a ciência, a educação, a cultura – e muito pouco recebe em retribuição. Com o poeta Thiago de Mello, também afirmamos: “faz escuro mas eu canto, porque a manhã vai chegar”.

Celebrar também implica agradecer. Nestes 30 anos de existência e mais de 50 edições, só foi possível fazer a Motrivivência por contarmos com a inestimável cumplicidade de tantos e tantas, de amigos/amigas que emprestaram seu prestígio, seu tempo, seu interesse, seu trabalho e conhecimentos, enfim, para viabilizar esse percurso histórico. Nomeá-los um a um seria impossível; muitos/as têm seus nomes perpetuados nas páginas digitais do nosso acervo. Outros e outras são aqueles/as que, anonimamente, contribuíram para que, em cada momento histórico, as dificuldades fossem superadas, as aproximações procedidas, os recursos captados, os problemas solucionados. A todos e todas, “cúmplices” desse projeto editorial, ficam os nossos agradecimentos sinceros.

Nossa capa dessa edição é um mosaico construído a partir de diversas capas significativas de edições que publicamos ao longo desses 30 anos. Os colegas Angelo Bruggemann, Louiza Hüntemann Garcia e Rogério Santos Pereira são os responsáveis pela seleção e mixagem. Continuamos acreditando que a arte e a ciência devem andar juntas e, em nossas capas, mas não só nelas, temos buscado essa aproximação.

O homenageado da edição que inaugura esse ano de celebrações não poderia ser outro senão o prof. Maurício Roberto da Silva, editor-chefe da revista, cujo DNA, certamente, seria encontrado em cada trecho da história da Motrivivência, nos seus arquivos e acervo, se a submetêssemos a tal exame. O difícil para nós, da comissão editorial, foi manter segredo e – desculpa aí, Mau! – enganá-lo o tempo todo da editoração desse número, para que pudéssemos prestar-lhe essa homenagem de surpresa. Para escrevê-la, coletivamente, contamos com a inspiração e ideias da colega e amiga Iara Damiani, aliás, sempre colaboradora e ex-editora adjunta da revista em seus primórdios da chamada fase catarinense.

Nossa seleção de textos que compõem as seções de Artigos e Porta Aberta, atendendo a norma editorial da revista, traz aqueles que, em sendo aprovados, são os que foram submetidos há mais tempo. Infelizmente, ainda não conseguimos reduzir significativamente, como desejamos, o tempo entre a aprovação e a publicação de um texto, pelos limites de recursos financeiros que impedem aumentarmos o número de edições por ano. Ainda assim, respeitando esse compromisso, buscamos viabilizar uma edição que contemplasse equilíbrio e diversidade de temas, abordagens, autores e regiões dos mesmos, etc. Esperamos ter atingido tal objetivo!

Para encerrar, nos sentimos no dever e compromisso político de fazer um protesto sobre o projeto de intervenção militar nos morros e favelas do Rio de Janeiro e outras periferias e regiões empobrecidas do Brasil. Em consonância com esse protesto, e em nome das dezenas de militantes e lideranças de movimentos sociais, do campo e da cidade, mortos no Brasil nos últimos anos, fazemos uma homenagem à socióloga, militante dos direitos humanos e vereadora do PSOL/RJ Marielle Franco – morta no dia 14 de março de 2018, no Rio de Janeiro, junto com o motorista Anderson Pedro Gomes, ambos assassinados a tiros, em claro ato de execução, até esse momento não resolvido pela polícia carioca. Provavelmente, ela morreu por lutar pelos direitos humanos. Ela foi vítima da violência que ela tanto combatia na defesa dos direitos dos moradores da Favela da Maré. Tinha acabado de denunciar a ação brutal e truculenta da PM na região do Irajá, na comunidade de Acari. Exigimos uma investigação independente dessas mortes para saber de quem foi a ordem de “matar quem atrapalha”! Marielle morreu e as balas atingiram cada um de nós, militantes e lutadores pela democracia e a justiça social no Brasil.



“Quando é abatido o que não lutou só, o inimigo ainda não venceu.” (Bertold Brecht).

Concluimos essa homenagem tomando emprestadas as palavras do professor Mauro Iasi¹⁶:

16 <https://blogdaboitempo.com.br/2018/03/15/marielle-uma-voz/>

“Hoje dizemos Marielle. Uma voz coletiva que tem nome, que se ocupou em lutar contra a noite, que carrega no seu corpo negro todas as mulheres assassinadas, todos os corpos e todo o sangue, todos os nomes expropriados de seus donos, todos os sonhos, toda a vida que a morte carregou para o oco da noite. Que diz alto os nomes dos assassinos e os acusa. Esta voz tem um nome e dizemos: Marielle. Iansã ilumina seu corpo com seus raios. A voz tem um nome, Marielle. E Marielle foi morta outra vez. No navio negreiro, no canavial, nas ruas estreitas do Rio de Janeiro, na favela, na fábrica, em casa, agora no carro. Mas esta morte tem um nome, porque carregava muitas vozes, porque nunca estava sozinha nunca será esquecida, porque através dela é que lembramos dos esquecidos. Seu nome é Marielle, seu nome é mulher, seu nome é negra, seu nome é justiça, seu nome é luta, seu nome é socialista, seu nome é Marielle”.

Enfim, comemoremos juntos os 30 anos de vida da Motrivivência, sem descuidar dos assassinos da democracia que ceifam vidas como a do reitor Cancellier e de Marielle Franco. Fiquemos atentos ao chamamento dos geniais Chico Buarque de Holanda e Beto Guedes, respectivamente, pois “amanhã vai ser outro dia” e “vamos precisar de todo mundo pra banir do mundo a opressão”.

Florianópolis, abril de 2018 – 30º ano da Motrivivência

Maurício Roberto da Silva
Giovani De Lorenzi Pires
Rogério Santos Pereira
Editores